

ARTIGO ORIGINAL

O PATRIMÔNIO EDIFICADO DAS IRMANDADES RELIGIOSAS DE VITÓRIA (ES) E SUA HISTÓRIA COMO POTENCIAL TURÍSTICO

ORIGINAL ARTICLE

THE BUILT HERITAGE OF THE RELIGIOUS BROTHERHOODS OF VITÓRIA (ES) AND ITS HISTORY AS A TOURISTIC POTENCIAL

Poliana Santos da Silva¹

Adriana Sartório Ricco²

Faculdade Estácio de Vitória - FESV, Brasil

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apontar as contribuições das Irmandades religiosas de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção e de São Benedito do Rosário para a construção da história e para o turismo religioso e cultural na cidade de Vitória. Como procedimento metodológico, trata-se de uma pesquisa exploratória, cujo delineamento foi a pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso, utilizando-se como instrumento de coleta entrevista semiestruturada dirigida aos provedores e membros das referidas irmandades e historiadores. O resultado é que o mais relevante legado das irmandades são as tradições das festividades mantendo a sua autenticidade religiosa e sua resistência ao longo do tempo e faz um alerta para a necessidade de conservação do acervo bibliográfico e sobre a diminuição da quantidade de membros dessas entidades comprometendo a sua perpetuação.

Palavras-chave: Turismo Cultural e Religioso. Irmandades Religiosas. Patrimônio Histórico e Cultural.

ABSTRACT

This study aimed to point out the contributions of the religious brotherhoods of Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção and São Benedito do Rosário for the construction of the history and for the religious and cultural tourism in the city of Vitória. As a methodological procedure, this is an exploratory research, whose delineation was the bibliographic, documentary and case study research, using as a collection tool semi-structured interviews addressed to the trustees and members of these brotherhoods and historians. The result is that the most relevant legacy of the brotherhoods are the traditions of the festivities keeping their religious authenticity and their resistance over time and makes an alert for the need of conservation of the bibliographic collection and about the decrease in the amount of members of these entities compromising their perpetuation.

Keywords: Cultural and Religious Tourism. Religious Brotherhoods. Historical and Cultural Heritage.

¹ Graduada em Turismo pela FESV. E-mail: polianadega@gmail.com.

² Turismóloga, Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Faculdade São Marcos (SP) e professora da FESV. E-mail: adrianasartorio@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O Centro Histórico de Vitória teve seu início de ocupação no local conhecido hoje, como Cidade Alta. A topografia da ilha dificultava a ocupação das encostas junto a baía e definia os espaços nobres ocupados especialmente pelo poder religioso. As edificações religiosas foram construídas de acordo com a necessidade de defesa por causa das frequentes tentativas de invasão pelos holandeses e franceses. Com um rico patrimônio arquitetônico com roupagem colonial barroca preserva edificações datadas do século XVI e nos remetem ao período inicial da ocupação da cidade. E por trás desse patrimônio cultural e religioso, há histórias contadas, transmitidas e registradas pelos leigos.

Os leigos católicos não fazem parte de ordens religiosas e são desconhecidos por muitos como formadores ativos da história. Pessoas que se uniram em razão da fé em associações que veneram distintos padroeiros, formando assim as Irmandades Religiosas ou Confrarias, instituições que têm por objetivo prestar serviços de ajuda mútua que vão desde a realização de festas e romarias, à promoção de sepultamento e auxílio aos irmãos necessitados (doentes, presos, cativos).

As irmandades construíam suas próprias igrejas e seu maior compromisso com seus sócios era oferecer um funeral digno para seus membros. Tinha caráter étnico dando importância às categorias raciais e sociais, existindo irmandades formadas só por homens brancos, pardos e escravos.

As igrejas construídas pelas irmandades refletem o estilo colonial barroco, edificadas no século XVIII, utilizando mão de obra escrava. Dispõem de um rico patrimônio de obras sacras com a intenção de despertar nos fiéis emoções puras e singelas e revelar a visão do Paraíso ainda na Terra. Esta pesquisa pretende levantar a importância das irmandades religiosas e suas contribuições para a história de Vitória e o cenário atual como se configuram.

O turismo cultural não surge apenas como um entretenimento, mas como uma ampliação do conhecimento propiciando o intercâmbio entre culturas diferentes, a partir da possibilidade de conviver com o outro e suas diferenças e com a construção da história e seu legado. Sendo que a principal característica deste

movimento do turista é a interação temporária com os moradores de uma localidade turística, gerando uma série de impactos. Essas localidades são detentoras de elementos culturais, históricos, alguns deles inclusive constituindo um rico patrimônio histórico-cultural.

Esse tema se justifica pela necessidade de levantar o legado cultural e histórico das Irmandades Religiosas de Vitória e a importância de preservar a história para o futuro, bem como o valor desse patrimônio para o turismo. Sua importância se reflete em não deixar cair no esquecimento aqueles que foram construtores da história no passado sendo os refletores do futuro.

Diante do exposto, este trabalho apresenta como problema de pesquisa: Quais as contribuições das Irmandades religiosas para a perpetuação da história e como potencial para o turismo? E como objetivo geral, este trabalho se propôs a apontar tais contribuições, a partir de um estudo sobre as irmandades e seu cenário atual, ressaltando o legado cultural dessas irmandades para a atividade turística.

Como procedimento metodológico, a pesquisa, quanto aos objetivos, é do tipo exploratória, cuja finalidade é proporcionar maior familiaridade com o problema visando torná-la mais explícita. A técnica de investigação utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental. Também foi realizada pesquisa de campo cujo delineamento foi o estudo de caso a fim de analisar as contribuições das Irmandades Religiosas para a perpetuação da história e como legado para o turismo. Com relação ao local de coleta, foi campo de estudo a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção e Irmandade de São Benedito do Rosário. Para a realização da coleta de dados, que subsidiaram a presente pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas dirigidas aos provedores e membros das referidas irmandades e historiadores. Ainda foi realizado estudo de campo por meio da observação participante, por ocasião das procissões e festas das irmandades citadas.

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, pois descreve a complexidade do problema e permite o envolvimento do pesquisador nas experiências dos entrevistados, analisando sentimentos, sensações, percepções e intenções. Para a

análise, os dados das entrevistas foram tratados de forma não estatística, codificando as respostas a partir de sua transcrição, para depois estruturá-los e analisá-los. Na fase final de interpretação foi feito um cruzamento de dados que permitiu perceber as relações entre as várias categorias de informações, bem como uma leitura mais ampla desses dados, confrontando-os com os conceitos teóricos.

2 AS IRMANDADES DE VITÓRIA E SUA HISTÓRIA

As irmandades religiosas eram associações de leigos católicos que tiveram importância no Brasil Colonial e Imperial, a partir do século XVIII. Estas cumpriam papel fundamental na promoção da fé católica, por meio das festas em torno dos santos de devoção, e também eram agentes atuantes na construção de capelas e igrejas, no cuidado com a liturgia que envolvia os enterros, além de exercerem, também a função de caridade conforme seu estatuto.

“Desempenhavam também o papel de fundamental importância no processo de ascensão social e de aculturação” (BONICENHA, 1966, p. 23). Eram, enfim, expressão máxima de um catolicismo que se dava por meio do associativismo. Cada irmandade possuía seu estatuto próprio, suas assembleias e seus cargos administrativos com funções estabelecidas no estatuto. Geralmente os cargos administrativos são: provedor, vice-provedor, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro e consultor jurídico.

Para Bonicenha (2004, p. 25):

As irmandades não trabalhavam de graça para seus membros. Estes as sustentavam por meio de joias de entrada, anuidades, esmoladas coletadas, periodicamente, loterias, rendas de propriedades e legados em testamentos. Os recursos auferidos dessas várias fontes eram gastos nas obrigações para com os irmãos e em caridade pública; na construção, reforma e manutenção de suas igrejas, asilos, hospitais e cemitérios; na compra de objetos de culto, como imagens, roupas, bandeiras, insígnias; nas folhas de pagamento de capelães, sacristãos, funcionários; e, não pouco, nas despesas com as suas festas anuais.

As irmandades se distinguiam de acordo com sua cor, profissão, sexo e nacionalidade, por exemplo, “Irmandades dos Homens Brancos, Irmandades dos Homens Pardos ou, ainda, Irmandades dos Homens Pretos, formando assim, entidades fechadas em torno de sua situação social e gênero” (BONICENHA, 2004, p.25). Por exemplo, a Irmandade do Santíssimo Sacramento era composta por

brancos. “A finalidade específica da irmandade é fomentar e incentivar o culto a eucaristia” (BONICENHA, 2004, p.157).

No século XIX a irmandade mandava celebrar missas toda quinta-feira que se tornou uma tradição na cidade, sempre assistidas pelo presidente da Assembleia, desembargadores, juízes, autoridades em geral, com o título de irmãos do Santíssimo Sacramento (ELMO, 2014). Os irmãos promoviam a procissão de Corpus Christi a maior celebração do ano em Vitória, de acordo com o Historiador Wallace Bonicinha (2004, p. 157) “os homens, membros da elite, vestiam opas de seda vermelha com a hóstia bordada em fios de ouro [...]”.

Durante o século XVIII, Vitória, havia várias irmandades tais como: Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora dos Remédios, da Misericórdia, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte e Nossa Senhora da Conceição. Algumas foram extintas, outras trocaram de nome e algumas permanecem vivas até hoje.

Esta pesquisa tem seu foco nas Irmandades da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, e na Irmandade de São Benedito do Rosário, por suas contribuições para a formação da história da cidade de Vitória e serão vistas nos próximos capítulos.

2.1 IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E ASSUNÇÃO

*“Nossa Arquiconfraria
Vive em nossos corações
Protegida por Jesus,
Boa Morte e Assunção”³*

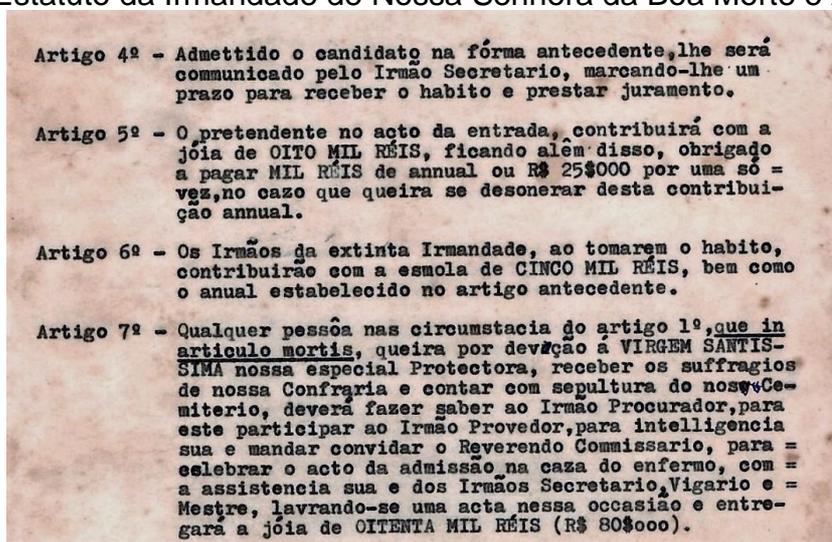
A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção foi fundada em 1707 (ESTATUTO, art. 1º), pelos homens pardos livres e cativos. Entretanto, na época da fundação era composta por mais uma irmandade, sendo o seu nome primitivo Irmandade de Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte. “As divergências entre os pardos livres (Boa Morte e Assunção) e os cativos (Amparo), levou à

³Hino Oficial de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, letra e música: João Batista Muylaert de Araújo, Vitória-ES, 15 de Agosto de 1988.

extinção da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo” (BONICENHA, 2004, p. 140). Prevalendo, apenas, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção.

Para uma pessoa ingressar na irmandade, deveria apresentar um requerimento à Mesa administrativa, e à comissão formada pelos irmãos mais velhos que avaliavam (BONICENHA, 2004). “No ato de ingresso contribuir com uma ‘jóia’, ou seja, com uma certa quantia em dinheiro oferecida como esmola” (BONICENHA, 2004, p. 137). Abaixo, o Estatuto da Irmandade, datado de 1870, evidencia o pagamento da referida jóia:

Foto 1: Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção



Fonte: Arquivos históricos impressos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção (1870).

O estatuto da irmandade de 1870 faz uma referência aos novos candidatos e irmãos da extinta irmandade no Capítulo I - Das obrigações, recepções e reuniões dos Irmãos, autorizando a partir de então o ingresso de “homens e mulheres brancas”. Atualmente, para entrar na irmandade tem que ter entre 18 a 50 anos, ambos os sexos, ser batizados, possuidores de boa conduta e ser Católico participante (ESTATUTO, art. 2º, 1987). E desde que aceitem o presente Estatuto: “[...] Fomentar a devoção à Nossa Senhora, Mãe da Igreja, através da vivência pessoal no ambiente de trabalho em ação filantrópica na promoção humana dos irmãos e de terceiros menos favorecidos” (ESTATUTO, art. 1º, 1987) ⁴. De acordo

⁴ Estatuto da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, 15 de janeiro de 1987.

com art. 3 da Irmandade, o pedido para admissão será feito por meio de uma petição escrita, ser apresentada por um confrade (ter mais de dois anos na irmandade), à Diretoria, e aprovado pelo Conselho Fiscal. Se aprovado, o novo confrade pagará uma 'joia' equivalente a 5% do salário mínimo regional.

No livro de Membros da Irmandade e na lista de donos de sepulturas perpétuas, consta admissão de imigrantes italianos (sobrenomes Gianordoli, Ruschi, Ponzio, Borgo, Brotto) e portugueses (sobrenome Grijó). Entre as personalidades que fizeram parte da irmandade podemos destacar André Carloni italiano, arquiteto autodidata, projetou o Theatro Carlos Gomes de Vitória, e representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1948. E Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, governador do Estado do Espírito Santo por duas vezes (CANAL FILHO, 2010).

No dia dezessete de agosto de 2007, a Irmandade completou 300 anos de existência e tradição. A festa, em comemoração aos 300 anos, teve início no dia 12 a 20 de agosto de 2007 (durante a gestão da Provedora Vera Maria Benezath Ferraz Rodrigues), com participação de diferentes padres e dois Arcebispos, Dom Luiz Mancilha Vilela Arcebispo Metropolitano de Vitória e Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo de Mariana e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como constam na programação da festividade. A Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo conferiu homenagem aos 300 anos da fundação da irmandade.

2.2 IRMANDADE DE SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO

A Irmandade de São Benedito do Rosário nasce da primitiva Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que já existia em 1765 (ELMO, 2014), no início da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Vitória, mas a troca de nome se deu a partir de uma briga política e social, "Caramuru e Peroá". Foi um conflito entre a "Irmandade de São Benedito, tendo como sede a capela da Ordem Terceira do Convento de São Francisco" (BONICENHA, 2004, p. 144) e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Os irmãos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, “[...] não só bastava a veneração mariana, visto que queriam, também, prestar culto a São Benedito, que lhe era da mesma cor e cuja devoção, no Espírito Santo, já datava de 1595” (ELTON, 1988, p. 16).

A Irmandade de São Benedito do Rosário, composta por negros cativos e escravos surge em devoção mariana a Nossa Senhora do Rosário e ao santo negro São Benedito. Para o historiador Wallace Bonicenha (2004, p. 144):

As irmandades negras, além de contribuírem para aumentar o sincretismo religioso, se tornaram espaço de solidariedade; de fortalecimento do sentimento religioso pela devoção em conjunto; possibilidade da liberdade, através da alforria, e o prazer das festas coletivas, sem a fiscalização do senhor.

“Com duas irmandades devotas do santo, começou acontecer na vila duas procissões: uma que saía do Convento de São Francisco e outra da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, mas, apenas, uma única imagem do santo” (CANAL FILHO, 2010, p. 45). E, assim, compartilhavam a imagem. De 1º janeiro até o Corpus-Christi a imagem ficava no Convento de São Francisco. Após a procissão, a imagem ficava na Igreja do Rosário, até o ano seguinte (CANAL FILHO, 2010).

Em 1832, o frei guardião do Convento Manuel de Santa Úrsula não permitiu que a imagem saísse para procissão, pois estava chovendo. Os componentes da Irmandade acreditavam que se a imagem saísse para a procissão, a chuva cessaria (ELTON, 198). O guardião não permitiu que a imagem saísse para o cortejo e gerou rixa interna entre ele com a Irmandade de São Benedito (CANAL FILHO, 2010).

De acordo com o historiador Elmo Elton (1988, p. 17):

Sabedor, posteriormente, de que a havia um plano arquitetado para retirar do São Francisco e levar ao Rosário a imagem de São Benedito, frei Manuel baixou-a do altar, escondendo-a numa saleta. Pouco depois, é substituído no guadionato, por frei Antônio de São Joaquim, “sarcedote já idoso, bom orador e sacro, inteligente e ilustrado, mas bastante surdo, pelo que usava de uma tropa para melhor ouvir”, sendo que, em decorrência de pedidos de devotos no sentido de que a imagem do santo fosse recolocada em seu altar, o frade acabou atendendo a tais pedidos.

Em 23 de setembro de 1833, alguns irmãos negros, retiram a imagem de São Benedito do Convento de São Francisco e a levam para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário:

[...] Antônio Motta, um africano, segura a imagem do santo de Palermo, e Elias de Abreu, um crioulo, estes dois libertos, juntamente com Domingos do Rosário, enrolam a Imagem em uma toalha e fogem rapidamente, em aligeirada carreira. Mas não conseguiram fazer o furto sem testemunha. De suas casas, ou de onde estavam, testemunhavam o tenente Antonio Augusto Nogueira da Gama, e o capitão Francisco Rodrigues de Barcellos Freire. [...] Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi a imagem do glorioso São Benedito recebida ao som de vivas e foguetes. Não descansam os irmãos de São Benedito, e formam uma guarda unida e fiel, que durante largo período, de sentinela ficou, para quê não pudesse aquela venerada imagem, ser dali retirada (DESSAUNE apud BONICENHA, 2004, p. 148).

Com base no informativo em comemoração aos 180 anos da Irmandade de São Benedito, consta que a partir da “guarda” da imagem de São Benedito é que surge a Irmandade de São Benedito do Rosário, não sabendo exatamente o ano da sua existência.

Os irmãos do Convento, inconformados, encomendaram outra imagem de São Benedito, a Francisco das Chagas Coelho, colocando no antigo altar, existindo em Vitória no século XIX duas irmandades levando o nome do santo negro. O apelido “Caramuru” foi dado aos Irmãos da Irmandade de São Benedito do Convento de São Francisco, por causa das exibições de riquezas. Caramuru era um partido que havia na Corte e se caracterizava pelas constantes disputas e rugas políticas (ELTON, 1988).

Os irmãos do Convento não sabendo tal motivo pelo apelido acreditavam ser referente a um peixe que também tem o nome caramuru, “peixe valente, viscoso, feio e mau, que sempre pica o pescador incauto e desprevenido [...]” (ELTON, 1988, p.21), que tinha a mesma cor esverdeada dos seus manteletes. Então, revidaram apelidando os Irmãos da Irmandade de São Benedito do Rosário de peroá “pescado sem valor na época e que possuía listras azuis, a mesma cor da irmandade da Igreja do Rosário” (CANAL FILHO, 2010, p. 49).

Durante esse período, as procissões tinham um cumprimento ou saudação, como descreve Elmo Elton (1988, p. 24):

Quando a procissão do Rosário passava em frente ao convento, os irmãos caramurus, que já haviam colocado o santo no andor e descido até a rua, aguardavam a passagem do outro São Benedito e, durante alguns instantes, se defrontavam em simbólica saudação, enquanto que vivas, foguetes, girândolas e o dobre festivo dos sinos atroavam os ares. No meio

do ano, repetia-se a cerimônia, na passagem da procissão dos franciscanos pela rua do Rosário.

As mulheres peroás, na procissão, usavam vestes com detalhes azuis, e as caramurus com detalhes verdes, mas de acordo com o historiador Jair Etienne Dessaune (apud ELTON, 1988, p. 25):

Uma das mais ferrenhas partidárias de uma Irmandade mandou fazer sandálias da cor do partido rival, para mostrar superioridade, carregando aos pés, pisando-o. O costume chegou. Peroás vestiam azul de todo jeito, mas calçavam sandálias verdes, e caramurus não relaxavam em arrastar sempre os pés, pisando sandálias azuis, como o azul peroá.

Cada irmandade tinha sua banda de música própria e “se apresentavam protegidas por fortes homens. Dentro da rivalidade entre os dois grupos, a maior proeza era furar o bumbo da banda do partido adversário” (CANAL FILHO, 2004, p. 50). Nem todas as ruas de Vitória tinham calçamento no século XIX, no dia da procissão dos caramurus e peroás, nas ruas em que a procissão passaria, os devotos cobriam o chão com areia fina, folhas de mangueira, ramos de manjerição e alecrim (ELTON, 1988).

Assim, ficou dividida a cidade de Vitória, Cidade Alta Caramuru que tem até um Viaduto em sua homenagem, e Cidade Baixa Peroá. Em 1905 Dom Fernando de Souza Monteiro (terceiro bispo do Estado do Espírito Santo), reduz o número de procissões em Vitória proibindo a realização das duas procissões de São Benedito (BONICENHA, 200). A procissão retorna apenas no ano de 1918, com a chegada do novo bispo, Dom Benedito Paulo Alves de Souza (CANAL FILHO, 2004).

No século XX, a Irmandade de São Benedito do Convento de São Francisco trocou de nome para Irmandade de Santo Antônio dos Pobres. Não se sabe, exatamente, quando deixou de existir a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, mas ainda existe o seu cemitério, situado no Bairro de Santo Antônio em Vitória.

3 O PATRIMÔNIO EDIFICADO COMO LEGADO HISTÓRICO

Segundo a concepção clássica, patrimônio refere-se ao legado que herdamos do passado e que são transmitidas as gerações futuras. Não podemos entender o patrimônio apenas como os vestígios tangíveis do processo histórico.

Todas as manifestações materiais de cultura criadas pelo Homem têm uma existência física num espaço e num determinado período de tempo. Algumas destas manifestações destroem-se e desaparecem, esgotadas na sua funcionalidade e significado. Outras sobrevivem aos seus criadores, acumulando-se a outras expressões materiais. E através da própria dinâmica da existência, estes objetos do passado alimentam, pela sua permanência no tempo, a criatividade de novas gerações de produtores de objetos, que acrescentam elementos às gerações anteriores. E assim a cultura flui.

Como afirma Ballart (apud SERRALONGA, 1997, p.17), a noção de patrimônio surge “quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como seus um objeto ou um conjunto de objetos”. Nesse sentido o patrimônio é uma construção social. Aquilo que é ou não é patrimônio, depende do que, para um determinado coletivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras.

Assim sendo, o patrimônio cultural compreenderá então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais. Neste sentido, o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade.

O patrimônio cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade (DIAS, 2006). A sociedade é representada pelo seu patrimônio, através do qual ela mesma se mostra. Está representada através da ideologia, cultura, religião, instituições, organizações e território, tudo o que representa o resultado das forças ativas dos seus membros.

A Constituição Federal de 1988 no Artigo 206 apresenta o patrimônio cultural brasileiro como:

Art.206 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Segundo Ricco (2009, p.111) “o patrimônio cultural designa o significado e valor histórico, estético, científico e simbólico, como experiência individual ou coletiva do bem cultural de natureza material e/ou imaterial para as gerações passadas, presentes e futuras”. O patrimônio cultural é dividido entre material e imaterial (ou intangível). Para o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) o patrimônio cultural material é composto por:

Um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos⁵.

Horta (2005), numa proposição mais enfática, afirma que, na verdade, não existe patrimônio material, mas apenas um único patrimônio cuja natureza é imaterial, portanto se constrói e se configura no espírito de uma cultura que se transmite no tempo e no espaço. Esses espaços são campos de representação simbólica e sintética de uma sequência de ações, cristalizadas nos fragmentos e resíduos da matéria da cultura.

O artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) entende por patrimônio cultural imaterial:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O Ministério do Turismo (2006) fomenta a importância do patrimônio imaterial não “visível”, mas de um extremo valor, compreendido como o conjunto de tradições, festas, costumes e valores que fazem parte do patrimônio cultural de cada grupo humano.

⁵ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>. Acesso em 15/09/2016.

O Decreto nº 3.551/2000 instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, viabilizando a efetiva proteção administrativa dos bens culturais intangíveis que se relacionam à identidade e a ação de grupos sociais. Os bens culturais de natureza imaterial estariam incluídos, ou contextualizados, nas seguintes categorias que constituem os distintos Livros do Registro:

I - Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. II - Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas. III - Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. IV - Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas⁶.

Para Schiavo (apud DIAS, 2010, p. 20) a relação entre cultura e religião é que contribui para criação de valores, significados na afirmação da identidade coletiva. E as motivações de viagem para lugares sagrados germina o subproduto do turismo cultural, o turismo religioso.

Ansarah (1999, p. 125) afirma que “o turismo religioso é uma modalidade que movimenta um grande número de peregrinos em uma viagem pelo mistério da fé e da devoção a algum santo”. Shinde (apud SERRALONGA, HABOYAN, 2011, p.65) define “el turismo religioso como um término muy utilizado em la teoria y la practica para hacer referencia a los patrones de viaje contemporáneo a lugares de peregrinación”.

O turismo religioso é motivado principalmente por visitas a lugares sagrados (igrejas, conventos, eventos religiosos), bem como a descoberta do valor histórico e da beleza artística. O patrimônio religioso, além da dimensão espiritual, possui elementos arquitetônicos, artísticos, histórico, simbólicos e paisagísticos que o transformam num importante recurso turístico de uma localidade. Segundo Levy (apud DIAS, 2006, p. 209):

⁶ Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Acesso em 15/09/2016.

Os centros históricos das cidades constituem espaços simbólicos que abrigam a memória coletiva da sociedade que ali vive; são autênticos livros nos quais os vestígios do passado, presentes na paisagem atual, revelam a história da cidade e de seus habitantes.

Parellada (apud SERRALONGA, HAKOYAN, 2011, p. 69) insiste que o turismo religioso “respira losairesdel turismo cultural, pero no se reduce a ser simplemente um propagador de bienes patrimoniales, em su sentido mas amplio, de carácter religioso”. Os destinos religiosos muitas vezes se destacam pelo valor histórico cultural, pois o patrimônio cultural da igreja representa vestígios de uma história, através dos seus edifícios, documentos, hinos que refletem a história de um povo em uma determinada época.

3.1 BENS EDIFICADOS PELA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E ASSUNÇÃO

A Igreja de São Gonçalo foi erguida no século XVIII, pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção (BONIENHA, 2004). A igreja foi construída voltada para o mar, erguida sobre uma pedra em uma área do escudo cristalino, que permitia o seu destaque na paisagem urbana, em pontos importantes da cidade de Vitória (CANAL FILHO, 2010).

As paredes chamam a atenção por sua espessura, “construída de pedra argamassada com cal, borra de óleo de baleia e areia” (CANAL FILHO, 2010, p. 47). A nave é o espaço destinado aos fiéis; a capela-mor é lugar onde se encontra o sacerdote, diáconos, ministros, o altar e o santíssimo.

Há também, o coro destinado aos músicos, a sacristia onde os padres se preparam para as missas e onde ficam guardados os paramentos e alfaias. As tribunas são espaços reservados para as pessoas influentes, que assistiam as cerimônias religiosas tendo uma visão privilegiada do sacerdote e da nave. E a sala de reuniões ou consistório onde os confrades realizavam suas reuniões (CANAL FILHO, 2010).

De arquitetura barroca, com o retábulo da capela-mor em madeira com detalhes em folha de ouro, onde estão localizados os principais santos da igreja. “O patrono da casa, São Gonçalo Garcia e as duas santas de devoção da irmandade,

Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora da Assunção” (CANAL FILHO, 2010, p. 51).

Foto 2: Altar da Igreja de São Gonçalo



Fonte: Poliana Santos da Silva, 2018.

Este monumento, apesar de ter sofrido intervenções em suas características arquitetônicas originais no século XX, em 1948 a igreja foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, bem como:

As imagens de Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Boa Morte, São Gonçalo Garcia, Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier, Santo Antônio com o Menino Jesus, um crucifixo do século XVIII com resplendor de prata e ainda duas credências e duas cadeiras de jacarandá com medalhões (BONICENHA, 2004, p. 95).

São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola são os fundadores da ordem jesuíta e suas imagens foram transferidas para a Igreja de São Gonçalo com o fechamento da Igreja de São Thiago (atual Palácio Anchieta, sede do governo) em 1911. De acordo com Canal Filho (2010, p. 37), “as imagens são portuguesas do século XVII e foram confeccionadas em bronze” (fotos 3 e 4).

Fotos 3 e 4: São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola



Fonte: Poliana Santos da Silva, 2018

O lema da bandeira do Estado do Espírito Santo, “TRABALHA E CONFIA” é de autoria de Jerônimo Monteiro (ex-governador do estado) e foi inspirado na doutrina de Santo Inácio de Loyola que significa: “trabalha como se tudo dependesse de ti e confia como se tudo dependesse de Deus” ⁷.

A igreja tem um acervo com várias imagens sacras, como as imagens de Nossa Senhora da Boa Morte, da Assunção, das Dores, das Neves e de São Francisco de Paula que são de roca. Para Pedro canal Filho (2010, p. 51) santa de roca é:

É uma imagem sacra destinada a ser levada em procissão e que são vestidas com trajes de tecido. Seu corpo é feito de madeira e possui membros flexíveis, o que permite a movimentação e a mudança de posição da imagem.

A igreja é palco de rituais tradicionais da fé cristã, como a procissão de Nossa de Senhora da Boa Morte e Assunção realizada no mês de agosto. De acordo com o historiador Elton Elmo (2014, p. 51):

⁷Disponível em http://www.es.gov.br/Governo/paginas/simbolos_oficiais.aspx. Acesso em 10/10/2016.

Habitualmente precedidas de tríduo, isto é, de recitação do rosário e de ladainhas, foram sempre: - a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte realizada no dia 14 de agosto, com início às 19 horas, e a de Nossa Senhora da Assunção, às 17 horas do dia seguinte.

Atualmente, essa data é móvel de acordo com o calendário litúrgico anual, pois se o dia 14 ou 15 cair em um dia da semana, as procissões serão realizadas no final de semana mais próximo. No primeiro dia da procissão (sábado) a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte é carregada deitada no andor, ornamentado com flores. “Traz os olhos cerrados e arroxeados, lábios descorados, as mãos postas em oração, os cabelos ocultos sobre o manto azul” (ELMO, 2014, p. 51).

Os alunos da Escola de Aprendizes de Marinheiro do Espírito Santo são convidados pela irmandade para conduzir o andor pelas ruas da Cidade Alta. Com base no informativo da programação da festa de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção do ano de 2012, constam as seguintes informações:

No passado, era feito pelas principais avenidas da ilha, toda enfeitada com folhas de mangueira e outras flores, dando um cunho de maior religiosidade. Viam-se ainda, ainda, nas janelas das residências por onde desfilavam as procissões, colchas ricamente bordadas, em homenagem à Virgem, de quem, esperavam em troca, bênçãos eficazes sobre os seus respectivos lares (Arquivo impresso da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção).

O sino toca em tom fúnebre assim como são os cânticos, orações e as vestes dos irmãos (BONICENHA, 2004). A procissão é luminosa, os confrades carregam os tocheiros com velas acesas, os membros da diretoria carregam uma vara com a medalha da Virgem Santíssima e a bandeira da Irmandade. Um dos irmãos segue à frente da procissão, guiando o caminho, logo após vêm os membros da diretoria, seguidos pelos irmãos com os tocheiros, vêm o andor carregado pelos Aprendizes de Marinheiro e os devotos da Virgem Maria.

No segundo dia (domingo) às 10h, há uma missa solene na igreja. Caso seja a posse da nova diretoria ou admissão de novos membros é realizada durante essa celebração. E às 17h acontece a saída da procissão de Nossa Senhora da Assunção:

Viva e já assunta, a imagem, de 1,50 ms de altura, também de roca, é vista, na procissão, sobre a mesma referida charola, a cabeça tem aspecto saudável, risonho, os cabelos longos aparecem, mostra os braços abertos,

a mão esquerda ostenta uma palma e a direita um buquê de rosas brancas amarradas por um laço de fita de cetim azul-celeste. [...] Esta imagem, na procissão, ostenta uma coroa dourada, possuindo, no seu acervo de joias e relíquias, uma outra de ouro de 18 quilates com peso de 218gr., um colar de ouro trabalhado, dois anéis de ouro com pedras preciosas(brilhantes), um par de brincos de ouro, uma chave simbólica de prata e um punhal de metal (ELMO, 2014, p. 51).

Atualmente, a imagem só sai para procissão com uma coroa, até por uma medida de segurança. O andor é conduzido pelo Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva do 38º Batalhão de Infantaria do Exército, até a catedral Metropolitana de Vitória, onde é realizada uma missa às 18h.

Foto 5: Nossa Senhora da Assunção no andor



Fonte: Poliana Santos da Silva, 2018.

Os irmãos usam vestes de cor branca e os cânticos são mais alegres. O informativo da festa de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção do ano de 2012, descreve o retorno da procissão para a Igreja de São Gonçalo:

O retorno do percurso Nossa Senhora é homenageada com aplausos por parte dos fiéis que espocam foguetes pelas ruas, além do badalar constante dos sinos. Observa-se a euforia dos cristãos presentes, em que se sentem satisfeitos com o retorno da Virgem ao seu verdadeiro lar, que é a Igreja de São Gonçalo (Arquivo impresso da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção).

O encerramento da festividade acontece na segunda-feira quando é celebrada uma missa às 18h na Catedral Metropolitana de Vitória em sufrágio de todos os irmãos e benfeitores falecidos. A diretoria da irmandade durante a procissão utiliza um escapulário de cor azul, bordado com as letras BMA. O escapulário do vice-provedor tem cinco estrelas e uma medalha da Virgem Maria Santíssima. A do provedor tem seis estrelas e a medalha com detalhe do ostensório.

A Igreja de São Gonçalo também é palco de ritual tradicional da fé cristã a Missa Tridentina ou Missa em Latim. A Missa é chamada de “Tridentina” porque “Tridentino” se refere ao Concílio de Trento (1545-1563), que unificou a prática Litúrgica na Igreja Ocidental. A Missa Tridentina foi baseada nas mais antigas e veneráveis fontes litúrgicas Ocidentais⁸.

O que diferencia da missa tradicional é que segue o missal - um manual da missa, com suas orações - do papa João XXIII. O sacerdote fica voltado para o altar e de costas para os fiéis. Os hinos podem ser em Latim e em português. Os fiéis na hora de receberem a hóstia se ajoelham no presbitério e à medida que o padre vai passando e oferecendo a cada fiel, quem recebe se levanta e dispõem o lugar ao próximo (KALLE, 2014).

De acordo com Kelly Kalle (2014, p. 16):

Apesar da língua diferente, a leitura bíblica e a pregação do padre é realizada em português. Além disso, há um folheto para que o fiel possa acompanhar o que está sendo dito em latim e entenda a tradução. A intenção, segundo os fiéis, é voltar a tradição católica e recuperar alguns rituais perdidos. As músicas são tocadas em um teclado sem instrumentos de percussão, para evitar distrações em excesso⁹.

As missas são realizadas nos dois primeiros domingos do mês às 8h e atraindo mais jovens. As mulheres que frequentam a missa, mantêm a tradição, cobrindo a cabeça, com o véu branco, as solteiras, e, as de véus pretos, as casadas. A Igreja de São Gonçalo, segundo a crença popular, é “a igreja dos enlaces duradouros e felizes”, preferida pelas noivas para realização dos casamentos. “A verdade é que há casais que acreditam que seus matrimônios serão prósperos se realizados na

⁸ Disponível em: <http://www.missatridentina.com.br/> Acesso em 15/11/2016.

⁹ Jornal A Tribuna, 31 de agosto de 2014, página 16, Vitória-ES.

São Gonçalo. Atualmente, os casamentos são a principal fonte de renda da igreja, ajudando a mantê-la” (CANAL FILHO, 2010, p. 24). Além das taxas de casamento, a outra fonte de renda da irmandade vem do seu cemitério, da venda de sepulturas e a taxa de manutenção anual das sepulturas perpétuas no valor de R\$360,00 reais.

3.2 BENS EDIFICADOS PELA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, sede atual da Irmandade de São Benedito do Rosário, foi construída, inicialmente, pelos escravos da antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e da irmandade de São Benedito. O terreno para construção da igreja foi doado pelo Capitão Felipe Gonçalves dos Santos, sua filha Bernardina de Oliveira e seu genro Inácio Fernandes Rebello (CANAL FILHO, 2010).

A família que doou o terreno impôs a seguinte regra: “[...] serão obrigados a dar princípio à obra da dita igreja dentro de dois anos e meio, contanto que seja logo principiada de pedra e cal” (ELTON, 2014, p. 54). E por isso construíram uma capela, sendo ampliada a partir do século XIX. O terreno doado ficava afastado do núcleo povoado da cidade de Vitória (Cidade Alta).

A igreja tem características da arquitetura colonial brasileira, com quatro altares em madeira e com detalhes em ouro, o piso da nave da igreja é com tijolos dando o estilo rústico e peculiar (CANAL FILHO, 2010). A igreja tem um lustre de cristal e bronze na nave da igreja, que não condiz com o estilo arquitetônico da igreja, não se sabe por quem e quando foi doado. A igreja foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1945.

Na parte superior da igreja tem o Museu de São Benedito do Rosário que foi inaugurado no final do ano de 2003:

Que expõem um acervo de peças da Irmandade que guarda parte importante de sua memória. Alterados os costumes e a vida da cidade, ficaram os objetos, as lembranças que explicam as tradições. São os andores e imagens de santos, oratórios, paramentos e objetos litúrgicos usados pelos padres nas missas e festas; o mastro e a bandeira, os estandartes, a formação da procissão, livros de registros, partituras da extinta Filarmônica Rosariense, baús e caixas guardados que contam parte dessa rica história (CANAL FILHO, 2010, p. 54).

Atualmente, o museu está desativado, mas guarda vestígios da rivalidade entre Caramurus e Peroás, como um bumbo furado durante a procissão de São Benedito. A Banda de Música Rosariense, que acompanhava a procissão de São Benedito, “organizou completamente em 1839, regida por Manuel João da Boamorte, que dirigia os ensaios na loja do negociante Perna-Fina, situada na rua Treze de Maio” (BONICENHA, 2004, p. 152). Zé do Barão, Zé Guizô, tocador de bumbo, Luiz Conguinhos foram alguns dos integrantes da Banda de Música Rosariense (ELTON, 1988). Não se sabe exatamente quando a banda acabou.

A história de Caramurus e Peroás ganha os palcos do antigo Theatro Melpômene com a peça “Ontem e Hoje” que encena essa rivalidade. Peça de autoria do capixaba Ubaldo Rodrigues, com a música de Nicolino Milano ou Francisco Duchérme (ELTON, 1988).

Hoje, essa história continua viva na lembrança dos membros da Irmandade de São Benedito do Rosário ou quando é feito o trajeto da procissão de São Benedito no dia 27 de dezembro às 17h. A escadaria que dá acesso à igreja limita o acesso dos fiéis mais idosos, que aguardam ansiosos, na Rua do Rosário, a descida do andor com a imagem de São Benedito, para acompanhar a procissão.

E assim descreve Pedro Canal Filho (2010, p. 52) a procissão e as vestes utilizadas pelos membros da irmandade:

A procissão desce a escadaria do Rosário com o guião e o estandarte de São Benedito à frente, seguido pela diretoria da Irmandade, empunhando suas varetas de prata. Os irmãos seguem em duas alas, usando os distintivos da irmandade: as mulheres, sobre roupa branca, trazem a fita roxa com a medalha de São Benedito e Nossa Senhora do rosário ao peito; os homens usam a roupa roxa com veste bege.

O andor é ornamentado com rosas vermelhas e pesa cerca de trezentos quilos. O original pesa quatrocentos quilos, mas não é utilizado e fica guardado no Museu de São Benedito do Rosário (CANAL FILHO, 2010). Hoje, a procissão segue pelas principais ruas do Centro Histórico de Vitória:

A procissão começa na Rua do Rosário, entra na rua Graciano Neves, vai até a Fonte Grande, onde é festejada com o tradicional foguetório, segue para a catedral, local de celebração da missa em louvor a São Benedito e volta para a Igreja do Rosário, que recepciona seu santo (CANAL FILHO, 2010, p. 53).

Antigamente, o percurso era mais longo e de acordo com o historiador Wallace Bonicenna (2004, p. 155):

A procissão de São Benedito, uma das maiores demonstrações de fé, era formada por moradores dos morros, estivadores, operários, lavadeiras, e pela população mais pobre e descendentes de negros, que seguiam cantando e rezando. Durante o trajeto muitos irmãos eram vistos com “rabo de olho” pelos moradores da cidade alta, onde morava a elite local, e seguiam pelo Parque Moscoso, em direção à Vila Rubim. Retornavam beirando os antigos cais da barca e o porto, onde a imagem era recebida por uma queima de fogos, seguindo depois até o Forte São João, de onde retornava levando a imagem de volta à igreja do Rosário, sendo recebidas com repiques de sinos e fogos.

Atualmente, a única missa que é realizada na Igreja do Rosário é no dia 27 de dezembro às 10h em louvor a São Benedito. E o cortejo da fincada do mastro de São Benedito sai da Praça Pio XII no Centro de Vitória, passando pela Avenida Jerônimo Monteiro, Praça Costa Pereira, Rua Graciano Neves e pela Rua do Rosário subindo a escadaria do Rosário. Chegando à igreja o mastro é colocado no adro da igreja, e o cortejo segue com a participação dos Congueiros do Centro de Vitória e Banda de Congo Amores da Lua.

Fotos 6 e 7: Banda de Congo Amores da Lua durante a participação do cortejo e no adro da Igreja do Rosário



Fonte: Poliana Santos, 2016.

Até o século XX, esse cortejo, era a regata de Santa Catarina, que acontecia no dia 25 de novembro. “A famosa regata, composta basicamente de pescadores, partia do Penedo e era disputada entre partidários dos caramurus e peroás” (CANAL

FILHO, 2010, p. 50). O mastro era leiloado para arrecadar fundos para a procissão de São Benedito e a fincada do mastro acontecia no adro da Igreja do Rosário.

Uma forma de localizar a igreja em meio aos prédios modernos que escondem a sua fachada é localizar duas palmeiras imperiais que tem mais de vinte metros de altura. Foram plantadas, no adro da igreja, em 1872, importadas do Rio de Janeiro (CANAL FILHO, 2010).

4 O PATRIMÔNIO DAS IRMANDADES E SEU USO PELO TURISMO

O legado cultural das irmandades para o turismo na cidade de Vitória está nas edificações construídas, bem como no seu patrimônio imaterial que mantém a tradição após anos de existência, e principalmente a fé e religiosidade que mantém viva as irmandades, embora observa-se que o número de membros dessas entidades vem diminuindo gradativamente ao longo dos anos.

A Prefeitura de Vitória mantém a atividade de visitação dos monumentos históricos do centro da capital por meio do Projeto Visitar que funciona como disseminador da história e do legado dessas irmandades, através das visitas monitoras. O Projeto Visitar é desenvolvido pela Secretária Municipal de Turismo, Trabalho e Renda desde o ano de 2006 e compreende a visita monitorada a sete monumentos históricos do Centro histórico de Vitória.

Para Soraia Costa, Coordenadora do Projeto Visitar e membro da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção:

Os monitores enquanto interpretes dos patrimônios, conseguem transmitir pra quem visita exatamente o porquê de preservar esses espaços, pois a gente só preserva aquilo que conhecemos. Então abre não só para o turista, mas de pra comunidade em geral, o capixaba conhece pouco a história da localidade em que vive, porque a gente recebe vários munícipes às vezes que mora no próprio Centro de Vitória, que desconhece a existência da própria edificação, não só da história mais também da edificação.

A Coordenadora salienta que durante as visitas os monitores falam da história da irmandade:

Porque quando a gente fala da construção da edificação fala do papel das irmandades nessa construção, sempre reportando que o surgimento dos

templos religiosos advém do grupamento de pessoas que formaram as irmandades, que conseguem manter e preservar esses espaços até os dias atuais. Quando os monitores falam para aos visitantes que a irmandade da Boa Morte e Assunção têm 310 anos, isso aguça a curiosidade das pessoas e o interesse para ter mais informações, mesmo tendo poucas fontes bibliográficas relatando sobre as histórias das irmandades.

Importante iniciativa foi também tomada pela Arquidiocese de Vitória que em 2017 implantou a Pastoral do Turismo (PASTUR) com o intuito de:

Evangelizar as pessoas envolvidas com a prática do turismo, ajudando-as a descobrirem a presença de Deus na beleza da criação, nas manifestações culturais e religiosas e em todos os seus âmbitos, contribuindo para o enriquecimento pessoal e comunitário através do intercâmbio de experiências¹⁰.

Por fim, têm-se que as festividades religiosas das Irmandades são fortes atrativos religiosos, no entanto as irmandades não estão preparadas para receber um fluxo grande de turistas durante essas festividades, o que também envolve conciliar tradição e originalidade sem se tornar atrativo de massa. Neste aspecto, têm-se a consciência de que um trabalho desta dimensão envolve e engloba órgãos de poder, serviços, infraestruturas. Deve ser planejado de forma sustentável e com a participação dessas entidades para que não gere impactos negativos tornando as festas religiosas como meros espetáculos.

5 CONCLUSÃO

Esta investigação teve como principal finalidade apontar as contribuições das irmandades religiosas para a construção da história e para o turismo religioso cultural. Foi possível chegar à conclusão de que o mais relevante legado das irmandades são as tradições das festividades mantendo sua autenticidade religiosa e sua resistência ao longo de décadas.

Por outro lado, esta pesquisa traz o alerta de que, em ambas as irmandades o número de membros diminuiu ao longo dos anos, antigamente era comum todos os membros da família fazerem parte destas entidades e atualmente, observou-se que após a morte dos pais, os filhos, também membros das irmandades, se desligam dessas entidades.

¹⁰ Disponível em <http://aves.org.br/noticia/castelo-sedia-iv-encontro-nacional-da-pastoral-do-turismo>. Acesso em 18/11/2017.

Uma forma de manter vivas essas irmandades é a admissão de novos membros e a transmissão do legado através da oralidade dos antigos e do acervo bibliográfico existente (livros de atas, livros de matrículas dos irmãos e documentos), muitos desses documentos nunca catalogados e disponibilizados a pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ANSARAH, M. G. R. (Org.). **Turismo: segmentação de mercado**. São Paulo: Futura, 1999.

ARAGÃO, I. R. **Nas festas de santos, há sempre a ronda dos demônios: Sagrado e profanoturismo religioso e comércio na festa do Senhor dos Passos**. *Cultur*, n. 02, ano 8, jul. 2014. Disponível em <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/356/360>>. Acesso em 03/11/2016.

ARAÚJO, B. M. **Hino Oficial de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**, Vitória-ES, 15 de Agosto de 1988.

BARRETO, M. **Cultura e Turismo: Discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

BONICENHA, W. **Devoção e Caridade: As irmandades religiosas na cidade de Vitória**. Vitória: Multiplicidade, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília/ DF: MTUR, 2010. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em 18/09/2016.

BRUSADIN, L. B. **A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade da cultura social**. *Cultur*, n. 03, ano 09, out. 2005. Disponível em <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano9-edicao3/4.pdf>>. Acesso em 20/09/2016.

CARMAGO, H. L. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo, SP: ALEPH, 2002.

CANAL FILHO (Org.). **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário**. Vitória, ES: EDUFES, 2010.

_____. **A Igreja de São Gonçalo Garcia**. Vitória, ES: EDUFES, 2010.
CASTRO, M. L. V. ; FONSECA, M. C. L. Patrimônio imaterial no Brasil. Brasília/DF: UNESCO, Educarte, 2008. Disponível em
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001808/180884POR.pdf>>. Acesso em 22/10/2016.

CUNHA, E. C. G. **Reflexões sobre o turismo cultural na “Cidade maravilhosa”**. 2008. Dissertação de Mestrado – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2152/CPDOC2008ErikaConceicaoGelenskeCunha.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15/10/2016.

DIAS, N. I. **Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: Viagem entre o Sagrado e Profano**. 2010. Tese de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15296/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_Isabel%20Dias.pdf>. Acesso em 05/11/2016.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural** – recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

ELTON, E. **São Benedito do Rosário: Sua devoção no Espírito Santo**. Vitória, 1988.

_____. **Velhos templos e tipos populares de Vitória**. Vitória, 2014.

ESTATUTO. **Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**. Vitória, 15 jan.1987.

KALLE, K. **Missa em latim atrai jovens**. A Tribuna, Vitória, p. 16, 31 agos. 2014.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

NASCIMENTO, M. R. **Religiosidade e Cultura popular: Catolicismo, irmandades e tradições em movimento**. Revista Católica, Uberlândia, n. 1. ano 2. 20 nov. 2009. Disponível em <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf>>. Acesso em 25/10/2016.

OLIVEIRA, O. M. **Processos organizativos, memória e transmissão cultural: Análises etnográficas do congo e samba em comunidades afro-brasileiras**. Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1607/1207>>. Acesso em 19/11/2016.

RICCO, A. S. **Processos Culturais do Turismo nas representações da identidade em Vila Itaúnas (ES)**. 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Marcos, São Paulo, 2009.

SANTOS, R. B. **Cultura e Religião: Suas peculiaridades e efeitos na parentalidade**. 2012. Tese de Mestrado – Universidade Católica do Paraná, PUCR, Curitiba, 2012.

Disponível em <file:///C:/Users/GTI/Downloads/3joint-7726%20(1).pdf>. Acesso em 24/10/2016.

SERRALONGA, S. A.; HAKOBYAN, K. **Turismo Religioso y espacios sagrados:** Uma propuesta para los santuarios de Catalunya. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, 2011. Disponível em <<http://dugidoc.udg.edu/bitstream/handle/10256/9123/TurismoReligioso.pdf?sequence=1>>. Acesso em 18/10/2016.